

**O DISCURSO MÉDICO-CIENTÍFICO EM
“HOMOSEXUALISMO E ENDOCRINOLOGIA”(1938):
REPRESENTAÇÕES DE “SUJEITO ANORMAL” NA OBRA
DE LEONÍDIO RIBEIRO**

**THE MEDICAL-SCIENTIFIC DISCOURSE IN
“HOMOSEXUALISMO E ENDOCRINOLOGIA” (1938):
REPRESENTATIONS OF “ABNORMAL SUBJECT”**

**EL DISCURSO MÉDICO-CIENTÍFICO EM
“HOMOSEXUALISMO E ENDOCRINOLOGIA” (1938):
REPRESENTACIONES DEL "SUJETO ANORMAL"**

Gabriel Bezerra¹
Jocenílson Ribeiro²

128

Resumo: Apresentamos uma análise da obra "*Homossexualismo e Endocrinologia*" (1938), do legista brasileiro Leonídio Ribeiro (1893-1976), onde suas análises relacionam a homossexualidade à delinquência, no Rio de Janeiro, explorando o fenótipo de 195 homossexuais masculinos. Levantamos textos de diferentes áreas que abordaram a dicotomia normalidade-anormalidade na história da sexualidade sob os estudos discursivos. Buscamos compreender que declarações e representações verbo-visuais constituem conhecimento médico-anropológico para definir "sujeito anormal". Os dados demonstram mudança histórica nos discursos constituintes da noção de sujeito na história da sexualidade, com o discurso eugenista não prevalecendo no pensamento social-contemporâneo mesmo emergindo enunciados semelhantes atualmente.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Homossexualismo. Identidade de gênero. Representações de sujeito.

Abstract:

We present an analysis of the work "*Homossexualismo e Endocrinologia*" (1938), by the Brazilian coroner Leonídio Ribeiro (1893-1976), where his analyzes relate homosexuality to delinquency, in Rio de Janeiro, exploring the phenotype of 195 male homosexuals. We raised texts from different areas that commented on the *normality-abnormality* dichotomy in the history of sexuality, under the discourse studies. We sought to understand that verbal-visual statements and representations constitute medical-anthropological knowledge to define "abnormal subject". The data demonstrate a historical change in the discourses constituting the notion of subject in the history of sexuality, with the eugenic discourse not prevailing in social-contemporary thought even though similar statements currently emerge.

Keywords: Discourse analysis. Homosexuality. Gender identity. Subject representations.

¹Bolsista PIBID/PIBIC-Iniciação Científica, Graduando em Letras Espanhol/Português como Línguas Estrangeiras pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), gabebezerra@yahoo.com.br.

²Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto da Universidade Federal de Sergipe; ex-docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, jonuefs@gmail.com.

Resumen: Presentamos un análisis del trabajo "*Homosexualismo e Endocrinologia*" (1938), del forense brasileño Leonídio Ribeiro (1893-1976), donde sus análisis relacionan la homosexualidad a la delincuencia, en Río de Janeiro, explorando el fenotipo de 195 homosexuales masculinos. Levantamos textos de diferentes áreas que abordaron la dicotomía *normalidad-anormalidad* en la historia de la sexualidad, bajo los estudios discursivos. Buscamos comprender qué declaraciones y representaciones verbales y visuales constituyen conocimiento médico-antropológico para definir "sujeto anormal". Los datos demuestran un cambio histórico en los discursos que constituyen de la noción de sujeto en la historia de la sexualidad, con el discurso eugenista no prevaleciendo en el pensamiento social contemporáneo y, así mismo, con el surgimiento de enunciados semejantes actualmente.

Palabras-clave: Análisis de discurso. Homosexualidad. Identidad de género. Representaciones de sujeto.

Envio 20/01/2020

Revisão 30/01/2020

Aceite 15/03/2020

Introdução

Quem de nós já não leu ou ouviu ao menos uma das seguintes formulações de enunciados: “Os olhos são o espelho da alma”, “quem vê cara não vê coração” ou ainda “ele tem cara de bandido”? Estas formulações carregam uma memória que remonta séculos de nossa história e se reatualiza em enunciados que se materializam em textos contemporâneos e falas cotidianas sem que nos questionemos sobre o lugar de onde eles surgem, com quais outros discursos tais enunciados mantêm relação, que saberes eles repercutem ou monumentalizam. Estes enunciados têm a ver com outros discursos constituídos no interior de textos científicos ou no campo filosófico e artístico. Na antiguidade, desde os gregos, os estudos do homem a partir da relação entre corpo e alma levaram à constituição de um campo de conhecimento que se voltaram à análise do rosto e de sua vinculação com o seu interior, o mais íntimo de sua subjetividade. Courtine e Haroche (1988) abordam este objeto discursivo no livro *História do rosto*, sendo a *fisiognomonía* a ciência sistematicamente produzida por cientistas, filósofos, cientistas, artistas, anatomistas e demais pensadores ao longo dos séculos. O que eles buscavam em comum era a obsessão dos estudiosos de vários campos científicos de outrora para estudar o corpo, particularmente, a cabeça e o rosto, milimetricamente, procurando quase sempre articular a parte externa do corpo às particularidades da alma. Objetivava-se compreender a psique a partir do visível, do externo e de seu olhar. Mas em que medida a história daquelas práticas e daqueles saberes não reflete nos discursos contemporâneos repercutindo ainda hoje em enunciados como aqueles que apresentamos acima?

130

Há menos de um século, especificamente, na década de 1930, o médico legista brasileiro Leonídio Ribeiro escreveu o livro *Homossexualismo e endocrinologia* (1938), o mais importante do conjunto de sua obra, segundo Souza Neto (2015), em que uma série de imagens representa os sujeitos definidos, no discurso médico leonidiano, como *comocriminosos* e *delinquentes* na/da cidade do Rio de Janeiro das primeiros três décadas do séc. XX.

Dois anos após a publicação do artigo “*O problema médico legal da homossexualidade*”³ (1935), sobre sua primeira corrente de pensamento acerca do

³ A palavra *homossexualismo*, na época das publicações de Leonídio Ribeiro, era grafada conforme a norma ortográfica vigente, ou seja, com apenas um único S. Optamos por manter a grafia dos textos e dos títulos conforme original.

comportamento social e sexual da sociedade na Era Vargas – quando se atribuíam comportamentos sexuais a fatores externos como traumas, criação ou educação – Leonídio Ribeiro tenta desvendar as possíveis causas da homossexualidade numa vertente biodeterminista e uma prática científica pautada numa retórica eugenista. Nessa obra, ele disserta sobre a participação das glândulas endócrinas na constituição da sexualidade humana, bem como a influência da “inversão sexual” no fenótipo dos indivíduos, a fim de relacionar o que ele chamava de “patologia” com predisposições a condutas criminosas. Tendo como mentor o médico e cientista espanhol Gregório Maraño, Leonídio Ribeiro explora a questão como “um problema social a ser resolvido pela medicina”, considerando causas congênitas e orgânicas para estudar e teorizar fenótipos considerados ‘típicos’ desse sujeito “anormal”, uma vez que, nessa anormalidade, o indivíduo foge ao poder do Estado e à moral social burguesa da época, representando ‘perigo’ e, assim, grande necessidade de normalização em prol da lógica do crescimento populacional. A questão da demografia, do aumento populacional, da higienização social e do embranquecimento da população brasileira fincada nas bases do sistema escravocrata parecia coadunar-se com as questões de saúde pública.

131

Para seu estudo, foram analisados 195 indivíduos homossexuais do sexo masculino, praticantes da denominada “pederastia passiva”, apreendidos e expostos pelo Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro. Embora houvesse o recorrente argumento de que a homossexualidade não devesse ser considerada como crime e sim como patologia de fundo endócrino, Leonídio Ribeiro sustentava em todo o livro a anormalidade e a inadequação desses sujeitos, ocupando-se de dados fenotípicos considerados particulares a esse público para relacioná-los a predisposições a desvios morais. O resultado do estudo não explicita alguma possível cura, mas revela um compilado de imagens chocantes e perturbadoras, no imaginário cultural da época, que abrem para discussão a legitimação, o poder e a hegemonia do discurso médico, bem como a soberania estatal que concede autoridade ao cientista a ponto de expor corpos vivos a julgamento do que seria “normalidade” e o que é “doença” e “desvio” nos temos que se seguiram. Mas o que torna este discurso tão conciso e recorrente a ponto de ainda ser reproduzido neste século XXI e em nossa atualidade? A relação entre o discurso e as imagens abre um leque de possíveis análises, a fim de esclarecer a hegemonia científica na superfície de um conjunto de documentos,

textos e enunciados onde se materializam discursos e crenças da nossa sociedade, cuja memória de um saber institucional, clínico e médico legitima uma série de outros enunciados, pondo em evidência a representação do discurso autoral no campo da medicina.

O objetivo principal desse artigo é então apresentar os resultados parciais da pesquisa, apresentando a descrição do livro e do objeto de pesquisa e os enunciados que compõem a trama discursiva da obra na história da sexualidade e, especificamente, do discurso médico legalista que constituiu um saber-poder sobre os corpos de sujeitos homossexuais na primeira virada do século XX.

Este artigo é dividido em 4 partes: 1) na primeira, discorreremos sobre a natureza dos elementos formais da pesquisa (objeto discursivo, objetivo e questão de pesquisa); 2) a caracterização do autor e obra analisada; 3) revisão da literatura e aspectos teórico-metodológicos; e 4) análises das sequências de enunciados.

Da definição do objeto de estudo, da questão de pesquisa e dos objetivos

132

Muito antes do dia 17 de maio de 1990, quando a homossexualidade deixou de ser considerada como patologia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), estudiosos discutiam o assunto como um sério problema social a ser solucionado – ou tratado. Surgido no século XIX, o termo “homossexualismo” invade o século seguinte trazendo a mesma concepção de quando fora cunhado: como pecado, como falha moral ou, como promoveu Getúlio Vargas anos depois em sua ideologia do Estado Novo, uma falha dentro da lógica do crescimento populacional (FERLA, 2005). É neste nicho que Leonídio Ribeiro encontra espaço para levantar discussão sobre as possíveis origens da homossexualidade, na obra *Homossexualismo e Endocrinologia* (1938). Valendo-se do biodeterminismo e de uma forte corrente científica de base eugenista, o médico discute a participação das glândulas endócrinas na formação sexual do ser humano e a influência da homossexualidade no fenótipo dos indivíduos, a fim de relacionar o que ele concebe por “patologia” com predisposições a condutas criminosas.

Nossa questão de investigação é a seguinte: considerando o exposto acima, como se constitui o discurso autoral do médico no livro *Homossexualismo e Endocrinologia*, a partir da dicotomia “sujeito patológico” e “sujeito normal”? Quais são as representações de sujeito

sob a ótica de um biopoder sobre os corpos descritos presentes no livro analisado? Para responder a estas questões, desenvolvemos uma pesquisa em nível de iniciação científica (IC) no grupo *imaGine*- grupo de pesquisa em estudos do discurso (UNILA/CNPq), vinculado a um projeto maior denominado “Discurso, imageria e representação sobre o “Outro-Estrangeira””. O objetivo principal da pesquisa de IC foi estudar os processos de constituição do discurso autoral na obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, partindo das dicotomias “normalidade” e “patologia”, “sujeito normal” e “sujeito anormal”. Os quatro principais objetivos específicos traçados foram os seguintes: 1. Levantar e caracterizar um conjunto de textos e documentos jurídicos e científicos que trata da noção de normalidade e anormalidade no campo da história da sexualidade (FOUCAULT, 2019); 2. Analisar os discursos sobre a noção de sujeito normal e sujeito anormal na obra de Leonídio Ribeiro; 3. Fazer um levantamento sobre trabalhos que abordaram o tema e a obra na perspectiva discursiva (ver Quadro 1); 4. Descrever e analisar discursivamente algumas imagens que aparecem no livro.

Caracterizando o objeto de estudo: do autor à obra analisada

O autor: Leonídio Ribeiro Filho

Leonídio Ribeiro Filho, nascido em 1893 na cidade de São Paulo, constrói carreira na medicina tomando como espelho seu pai, também Leonídio, formado em medicina pela Escola da Bahia. Em uma das três biografias que Leonídio escreveu sobre si mesmo, *De médico a criminalista* (1967) – demonstrando, com isso, grande apreço pela própria trajetória – o médico, formado em 1916 pela velha Escola da Praia de Santa Luzia, descreve o pai como sua primeira inspiração compulsória, tendo nas costas o peso do legado que lhe fora passado, principalmente por herdar seu nome. Porém revela que, anos mais tarde, esta influência passa a ser exercida por Afrânio Peixoto (1876-1947), importante médico de sua época – de quem, inclusive, escreveu também uma biografia (RIBEIRO, 1950) – e figura notável, que influencia Leonídio a abandonar a pretensão primeira de ser cirurgião para dedicar-se à medicina legal (RIBEIRO, 1967, p. 67). Vaidoso, procurava colocar-se em evidência estando em companhia de nomes ilustres – como Afrânio Peixoto, por exemplo – e publicando suas conquistas em autobiografias, como o curso de especialização em Medicina Legal e Higiene, ministrado por

ele e dirigido por Peixoto; o posto de professor de Criminologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; o cargo de diretor do Gabinete de Identificação da Polícia Civil do Distrito Federal, onde criou, em sua gestão, o Laboratório de Antropologia Criminal; e o “Prêmio Lombroso” oferecido pela Real Academia de Medicina da Itália, após Leonídio realizar no laboratório citado “uma série de pesquisas médicas sobre os biótipos dos negros criminosos e homossexuais”. Como sugere o nome do prêmio recebido pelo médico-legista, suas pesquisas demonstram a clara influência de nomes importantes da criminologia italiana como Lombroso, Garofalo e Ferri, que viriam impactar de maneira significativa o pensamento jurídico e médico sobre o povo brasileiro entre o final do século XIX às primeiras décadas do século XX. Influenciando autores brasileiros como Afrânio Peixoto (1876-1947), Oscar Freire (1882-1923) e Arthur Ramos (1903-1949), inspira também a Leonídio Ribeiro por tabela, que se vale bastante dos fundamentos da Antropologia Criminal em seus textos sobre o “homossexualismo” (GUTMANN, 2010).

A partir dos trabalhos realizados no laboratório criado por ele, Leonídio Ribeiro lança o livro *Homossexualismo e Endocrinologia*, publicado em 1935 e lançado em 1938, com prefácio de Gregorio Marañón, um dos nomes mais importantes da medicina espanhola no século XX. Nessa obra, o legista explora a relação entre sexualidade, criminologia e endocrinologia a partir do estudo fenotípico dos corpos de “195 homossexuais profissionais”, como denomina o próprio médico.

134

O livro Homossexualismo e Endocrinologia(1938)

Considerando que a homossexualidade, ao contrário do pensamento predominante na época, não tinha relação com pecados, vícios ou crimes – pensamentos estes considerados preconceituosos pelo médico – e sim, razões endócrinas, Leonídio Ribeiro lança o livro “Homossexualidade e Endocrinologia” em 1938. Acreditando ser um problema que merecia atenção dado o número de casos subsequentes que surgiam em todo o mundo, o médico acompanhou os trabalhos iniciados por Harvelock Ellis, Westphal, Esquirol, Pinel e Lombroso, importantes nomes da psiquiatria no final do século XIX ao início do século XX. Cita o notório episódio do julgamento do escritor Oscar Wilde, preso em 1895 acusado de praticar “atos de pederastia”. Aplicando suas teorias sobre o poeta, Leonídio Ribeiro relembra

depoimentos acerca do físico de Wilde que poderiam comprovar a ‘causa de suas perversões sexuais’. Descrevendo Wilde como uma pessoa de aspecto “efeminado, boca espessa, quase (sic) disforme, inspirava repugnância”, e considerando que características como “a fronte nobre, o nariz delicadamente cinzelado, os olhos luminosos” traíam sua inteligência superior, trazendo desapontamento aos que o conheciam (RIBEIRO, 1938, p. 74), Leonídio Ribeiro introduzia suas teorias acerca dos homossexuais brasileiros. Citar um nome importante como Oscar Wilde parecia a chave para chamar atenção à relevância da problemática, mas a partir deste ponto, o objeto de estudo do autor não é mais nomes notáveis da sociedade, mas sim homens marginalizados da cidade do Rio de Janeiro, descritos com muito menos poesia do que como Wilde fora exposto.

Foram estudados, sob o ponto de vista biotipológico, como diz o autor, 195 indivíduos do sexo masculino, identificados como “homossexuais profissionais” praticantes de “pederastia passiva”, para a obtenção de dados a fim de explicar a “inversão sexual masculina” no Brasil. Utilizando-se de estudos anteriores – como por exemplo um experimento feito com galináceos, interferindo em suas atividades endócrinas – fotografias, medições e observações a olho nu, Leonídio Ribeiro trará comparações destes indivíduos a nomes como o de Febrônio Índio do Brasil, assassino em série cujos crimes tiveram grande repercussão pelos requintes de sadismo e crueldade. Além disso, traz também pontos de vista da psicologia que descrevem características consideradas típicas dos “invertidos”, além de relatos de casos entre indígenas, marinheiros, em presídios e inclusive em camadas sociais privilegiadas, que parecem ser a real preocupação para que se encontre os motivos da homossexualidade.

Sustentando a teoria de que a “inversão sexual” não tinha caráter moral e, sim, clínico, Leonídio Ribeiro sugere o tratamento médico-pedagógico e a adoção da teoria de Marañón de incluir a homossexualidade entre os “estados intersexuais”, para provar que se trata de “uma consequência de perturbações do funcionamento das glândulas de secreção interna” (RIBEIRO, 1938, p.169). Além do experimento com galináceos, traz como exemplificação dessa afirmativa os casos de transplantações testiculares em indivíduos eunucos por decorrência de lesões pós-guerra, que teriam adquirido “defeitos da castração, como o eunucoïdismo e a inversão sexual” (RIBEIRO, 1938, p.170) e teriam sido

“corrigidos” após o procedimento. Contudo, considera também medidas pedagógicas baseando-se nas teorias do psicanalista William Stekel de que os pais seriam os primeiros responsáveis em corrigir a conduta sexual de suas crianças, evitando que tenham “uma educação sexual adequada ao sexo oposto”, e que em casos de crianças do sexo masculino que vivem apenas com a mãe, que seja então afastada da família, a fim de evitar influências femininas. Leonídio também aponta como fator condicionante o meio artístico e literário, “que é mais frequente essa anomalia” (RIBEIRO, 1938, p.178), onde supostamente havia grande número de homossexuais preocupados em ‘inverter’ cada vez mais pessoas, através de romances destinados à “mocidade desprevenida” (RIBEIRO, 1938, p.178).

Abordagem teórica e metodológica: a questão do arquivo e do discurso

Dos procedimentos do estudo e a construção do arquivo

Numa primeira etapa, foi realizada a leitura da obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, fundamental para compreensão do objeto de estudo e embasamento de algumas hipóteses de caráter discursivo. Além disso, outros textos como *A ordem do Discurso* (1996) e *O sujeito e o poder* (2009) foram lidos em reuniões do grupo de pesquisa *imaGine*, sob orientação do professor orientador, esclarecendo questões de definição do que vem a ser “análise de discurso”, concepção de sujeito em Michel Foucault, sua relação com a noção de instituições, acontecimento discurso, sujeito e poder etc. Ao longo das discussões e leituras, pudemos identificar algumas questões de construção de linguagem no discurso do autor Leonídio Ribeiro em sua obra, sobretudo a respeito da questão de discurso e de sujeito sempre em relação com a história e a natureza ideológica do discurso materializado na língua e nas diversas linguagens.

Num segundo momento, foram realizadas pesquisas nos bancos de dados Portal CAPES/CNPq e SciELO com as palavras-chave “Leonídio Ribeiro” e “homossexualismo e endocrinologia”, acerca de se perceber o impacto da obra em produções científicas e seu alcance em possíveis outras áreas do conhecimento além da medicina. O produto do resultado dessa busca se encontra na Tabela 01 em anexo. Foram encontrados catorze (14) artigos citando diretamente a obra *Homossexualismo e Endocrinologia* em diversas áreas do

conhecimento, como medicina, antropologia, história, sociologia, literatura, psiquiatria, economia e música, como disposto na tabela mais abaixo:

Quadro 1: Pesquisa de palavras-chave “Leonídio Ribeiro” e “Homossexualismo e Endocrinologia” nas bases de dados portal CAPES/cnpq & SciELO

No.	ANO	AUTOR	TÍTULO	GÊNERO ACADÊMICO	PALAVRAS-CHAVE	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	ÁREA DE CONHECIMENTO
1	1938	Leonídio Ribeiro	Homossexualismo e Endocrinologia	Livro	Homossexualismo, endocrinologia, medicina legal, Leonídio Ribeiro	Petrópolis - RJ	Medicina
2	1982	Peter Fry	Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei	Livro	Febrônio, psiquiatria, homossexualidade, antropologia, Leonídio Ribeiro	São Paulo	Linguagem, antropologia e ciências naturais
3	1999	James N. Green	Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo	Livro	Brasil; homossexualidade masculina; sociologia, Leonídio Ribeiro	São Paulo	Sociologia
4	2003	James N. Green	Homosexuality, Eugenics, and Race: Controlling and Curing “Inverts” in Rio de Janeiro in the 1920s and '30	Artigo	Homosexual, eugenics, race, inverts, Leonídio Ribeiro	California State University, Long Beach	História latino-americana
5	2005	Luis Antônio Coelho Ferla	“Feios, sujos e malvados sob medida” - do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945)	Tese doutoral	Antropologia criminal, controle social, determinismo biológico, História das ciências, História do direito penal, Leonídio Ribeiro	USP-SP	História da economia
6	2006	Carlos Eduardo Figari	Escritos en el cuerpo: higienismo y construcción médica de la homosexualidad en el Brasil Republicano (1889-1940)	Artigo de Investigação	Homossexualidad, discurso médico, higienismo, abyección, Brasil, Leonídio Ribeiro	Universidad Nacional de Catamarca, Argentina	Humanidades

7	2008	Magali Gouveia Engel	Sexualidades interditadas: loucura e gênero masculino	Artigo	Sexualidade; loucura; gênero masculino; Brasil, Leonídio Ribeiro	UFRJ-RJ	Saúde
8	2009	Bóris Ribeiro de Magalhães; Thiago Teixeira Sabatine	Políticas públicas, justiça e homofobia: índices de mensuração para o reconhecimento do direito à sexualidade no Brasil	Artigo	Políticas de segurança pública; observatório de segurança pública da UNESP	UNESP-SP	Ciências Sociais
9	2010	Guilherme Gutmann	Criminologia, Antropologia e Medicina Legal. Um personagem central: Leonídio Ribeiro	Artigo	Leonídio Ribeiro, criminologia, medicina legal, homossexualismo, escola Nina Rodrigues	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental - SP	Psiquiatria
10	2010	Leonídio Ribeiro	Ciência, homossexualismo e endocrinologia	Conferência realizada na Sociedade Brasileira de Criminologia	Leonídio Ribeiro, homossexualismo, endocrinologia	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental - SP	Psiquiatria
11	2016	Jésio Zamboni	Educação Bicha: Uma A(Na[L])Rqueologia Da Diversidade Sexual	Tese doutoral	Bicha; diversidade sexual; educação; Leonídio Ribeiro	UFES-ES	História, sociedade e cultura
12	2018	Jorge Vergara	“Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade”	Artigo	Homofobia; Efeminação; Revista de antropofagia; Dom Casmurro; Mário de Andrade, Leonídio Ribeiro	UFPR-PR	Literatura Brasileira
13	2018	Jorge Vergara	Toda canção de liberdade vem do cárcere: homofobia, misoginia e racismo na recepção da obra de Mário de Andrade	Tese doutoral	Mário de Andrade, Preconceito, Homofobia, Racismo, Musicologia, Leonídio Ribeiro	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO	Música

Fonte: Bezerra e Ribeiro (2019).

Diante desses resultados e recobrando as leituras feitas previamente, percebe-se como o discurso do autor perpassa âmbitos, campos científicos e sujeitos diversos, sendo a análise deste impacto um dos objetivos desta pesquisa.

A análise do discurso: discurso e enunciado

Segundo a linguista Eni Orlandi, a análise do discurso (AD) não se trata da língua, nem da gramática ou dos textos reduzidos a si mesmo, tampouco um processo reduzido à comunicação, mas unicamente do discurso, palavra cuja etimologia tem por definição “correr por”, sugerindo assim que o discurso é “palavra em movimento” (ORLANDI, 2009). No

estudo do discurso, observa-se o homem falando a fim de compreender a língua fazendo sentido no contexto social, histórico e simbólico que o constrói. A AD será, então, a mediação entre o homem e a realidade que o cerca, onde sua relação com os processos ideológicos materializados na língua e nas diversas imagens interpelam os indivíduos em sujeitos. Essa realidade será sempre questionada e percebida por esse sujeito, que fará suas interpretações com base nas ideologias constituídas ao longo da trajetória sócio-histórica desse indivíduo, colocando-o numa relação imaginária com suas condições materiais de existência. Para Orlandi (2009), a associação entre sujeito, língua e história é fundamental para constituir sentido à sua realidade, uma vez que linguagem, mundo e pensamento, no imaginário do sujeito, relacionam-se com a intervenção dessas ideologias. Ela vai afirmar que “Não há realidade sem ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 48).

E considerando também as palavras de Michel Foucault acerca da interdição, no livro *A ordem do discurso* (1996), separação e vontade de verdade desse sujeito, seu discurso sempre será perpassado por aquilo que não se deve ser dito e o que se seria pertinente dizer, e não apenas pelo discurso em si, mas pelo que se deseja construir e constituir nele/com ele. É aí que se percebe a relação de poder do sujeito enunciador, afinal, a depender do seu status social, os enunciados produzidos por ele poderão ter nenhum impacto – como o discurso do louco, pela oposição “razão versus loucura” – ou ter impacto significativo, como os discursos científicos, jurídicos, religiosos e literários (FOUCAULT, 1996).

E através das teorias foucaultianas acerca da “logofilia” – o sentimento nascido da educação familiar e em meios socialmente validados por uma série de procedimentos – e da “logofobia” – a angústia do não-reconhecimento – podemos imaginar como o discurso de um médico ecoa mais do que o dos seus pacientes; ou, como o discurso de alguém privilegiado socioeconomicamente perdura mais que o discurso do marginalizado.

A partir das noções de ‘discurso’ e ‘sujeito’ provenientes das leituras prévias, o levantamento começa, *a priori*, apenas com a leitura do livro *Homossexualismo e Endocrinologia* (1938) e observação da série de imagens dispostas nele. Alguns enunciados foram selecionados para análise sob o critério de demonstração clara da ideia do autor acerca de “sujeito normal” e “sujeito anormal”, expressa a partir da escolha dos vocábulos e dos métodos utilizados para construção do objeto de estudo. Ademais, foram selecionadas

imagens que ilustram visualmente a ótica do autor acerca daqueles que considerava como amostragem de suas teorias.

Para esta pesquisa, adotamos como abordagem teórico-metodológica os pressupostos da análise do discurso que toma o discurso como efeito de sentidos entre os sujeitos, inscrito e situado socio-historicamente, conforme apresenta Michel Pêcheux, mas principalmente o discurso como forma material da língua e de outros sistemas semióticos constituídos por enunciados. O discurso é um conjunto de enunciados carregados de sentidos no interior de uma dada formação discursiva.

Nesse sentido, Foucault afirma:

gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2008, p.55)

140

É nesse sentido que passamos a analisar os enunciados com o intento de capturar as formas materiais de produção, constituição e circulação de discursos acerca dos sujeitos descritos e representados por Leonídio Ribeiro, identificando aqueles que se apresentam em uma certa regularidade. É, pois, nessa regularidade que percebemos a natureza da formação de discursos ao longo da história mesmo no interior da medicina. É preciso lembrar que tais regularidades obedecem a regras de formação a uma dada ordem dos discursos, e sempre relacionada a práticas discursivas, como o próprio Foucault nos chama a atenção nas aulas reunidas na coleção Os anormais, lecionadas entre 1974 e 1975, período em que o filósofo se dedicou mais especificamente ao tema em seus cursos.

Os enunciados têm existência material e existem em função dessas práticas discursivas, deixando de ser concebido como entidade abstrata. O enunciado, nesse sentido, é

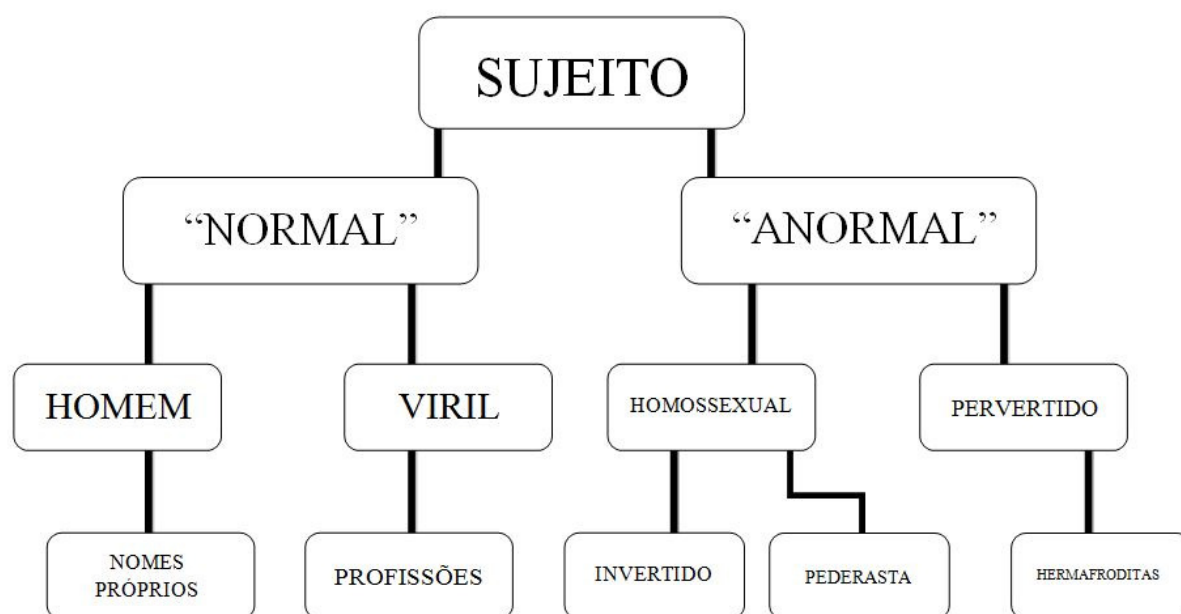
uma função como afirma Foucault (2008, p.98): “não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos no tempo e no espaço.”

Na seção a seguir apresentaremos uma série de três sequências enunciativas (SE) a fim de apresentar uma amostra de como se constitui na obra a própria linguagem médica-científica à época. Entendemos por sequência enunciativa uma unidade material (verbal ou imagética) selecionada para análise no interior do arquivo/corpus maior de análise; assim, a SE se apresenta como aquela sequência que adotamos para evidenciar, num conjunto de enunciados que compõem os discursos no interior de uma dada formação discursiva (FD), as marcas semiológicas de um dado discurso.

Análise de vocábulos utilizados e das sequências enunciativas (SE)

Esquema 1: representação de sujeito normal e anormal

141



Fonte: Bezerra (2019).

O Esquema 1 acima ilustra as associações de vocábulos feitas pelo médico-autor conforme o que defende acerca da definição de “sujeito normal” e “sujeito anormal”.

Enquanto o “sujeito normal” tem a ele associadas as palavras “*homem*” e “*viril*”, bem como a menção de seus nomes próprios, os definindo como indivíduos, e suas profissões, o “sujeito anormal” é ligado a palavras como “*homossexual*”, “*perverso*”, “*invertido*”, “*pederasta*” e “*hermafroditas*”, vocábulos em nenhum momento associados à sua ideia de “sujeito normal”, ainda que possuíssem a mesma orientação sexual dos considerados “anormais”.

Nas sequências discursivas aqui selecionadas, observamos o modo como o autor Leonídio Ribeiro mobiliza em seu léxico médico e legalista à época para representar os sujeitos. Há então nestas práticas, sob a prerrogativa do discursivo científico médico, o hábito descritivo de dizer sobre os sujeitos, descrevendo-os, estudando-os, medicando-os dentro de uma retórica marcada por uma dicotomia “saúdável” X “enfermo”. E nessa dicotomia se busca enquadrar determinados corpos “anormais”, como os das pessoas “de cor”, os negros e afrodescendentes, os indígenas, os doentes mentais, os portadores de necessidades especiais, os portadores de doenças congênitas, os que não se enquadravam na concepção médico/biológico normativa de “homem” e “mulher”. Aliada a esses discursos, o discurso religioso define a moral descrita no interior do discurso científico, médico e jurídico, quando primeiramente se vigia os corpos para depois puni-los quando estes fogem às regras dos jogos, das práticas e dos discursos definidos pelo estado, pelas instituições, pelos médicos, psiquiatras e pelo outro.

Ao referir-se ao escritor britânico Oscar Wilde, como sendo “um artista de genio, que sofreu todos os castigos e martírios, em seu próprio país [sic], que se contava entre os povos mais civilizados do mundo” (RIBEIRO, 1938, p.73), Ribeiro faz ecoar as trágicas violências que sofreu em seu país sob as penas de ter “infligido” às regras de uma moral prescrita por uma sociedade vista como civilizada. As questões de ordem da sexualidade que fugiam a estas regras colocam diametralmente o escritor e qualquer um que tivesse as mesmas características em oposição ao discurso higienizador da época. O discurso científico e o jurídico estavam, evidentemente, atravessados pelo discurso religioso que também definia o “homem normal” e o “homem anormal”. Assim, conforme relata L. Ribeiro

Sua atitude irreverente e agressiva, contra as ideias de moral daquele tempo, os gestos e depoimentos impertinentes no Tribunal, a própria história de sua vida, depois do casamento, a indiferença pelo filhos, tudo estava a indicar que não se tratava de um homem completamente são e normal. (RIBEIRO, 1938, p.73)

A concepção de sanidade e normalidade é trazida em seu livro para defender o fato de que qualquer um, mesmo aqueles advindos das sociedades mais “civilizadas”, é passivo de sofrer a “efeminidade” congênita e amoral da sexualidade desviante, como expõe o endocrinologista brasileiro.

As sequências enunciativas 02 e 03 do mesmo modo vêm corroborar com aquele que observamos ao longo da pesquisa. Trata-se de um processo descritivo dos corpos tendo como percurso metodológico de análise a oposição dos sujeitos anormais e dos anormais para descrever as questões de ordem de cor e fenótipo étnico e de ordem da sexualidade “desviante”, diga-se de passagem.

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA (01)

“Essa é a historia, triste e dolorosa, de um artista de genio, que sofreu todos os castigos e martírios, em seu propriopaiz, que se contava entre os povos mais civilizados do mundo, apesar das ideias empiricas e dos preconceitos injustos ali reinantes sobre o assunto.

Sua atitude irreverente e agressiva, contra as ideias de moral daquelle tempo, os gestos e depoimentos impertinentes no Tribunal, a própria historia de sua vida, depois do casamento, a indiferença pelo filhos, tudo estava a indicar que não se tratava de um homem completamente são e normal. Mas esses elementos não seriam suficientes para permitir um diagnostico medico, sobre a causa de suas perversões sexuais. Isso, entretanto, é o que agora vae sendo feito, diante de alguns depoimentos sobre seu fisico que realmente apresentava sinaes denunciadores de alterações da formula endocrínica, capazes de explicar suas atitudes anormais.” (RIBEIRO, 1938, p. 73, sobre Oscar Wilde; itálico nosso)

Como já comentado anteriormente acerca dos vocábulo escolhidos para definir o “sujeito normal” homossexual e o “sujeito anormal” homossexual, neste recorte L. Ribeiro discorre sobre o escritor Oscar Wilde:

“... artista de genio...(sic)” ;” ... não se tratava de um homem completamente são e normal...”
; “... atitudes anormais...” (RIBEIRO, 1938, p.73)

Percebamos: ao utilizar a palavra “homem” para definir Oscar Wilde, o médico-legista relaciona ao vocábulo a palavra “normal” até mesmo para negar a tal normalidade de que fala, utilizando “anormal” não para caracterizar o “homem”, mas sim suas “atitudes”. L.

Ribeiro separa os léxicos “homem” e “anormal” como se não pudessem ter relação, e como se as “atitudes anormais” fossem outra coisa não natural ao “homem”, ou ao “normal”.

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA (02)

“Convém, todavia, não esquecer que nem todos os homossexuais praticam o ‘*immissio pênis in anum*’. A muitos repugna tal prática, por imunda e aviltante. Estes amam o macho com dignidade. E’ o que descreve Edward Carpenter, no seu famoso ‘*The Intermediate sex*’.

Ademais, a crítica usual aos homossexuais é improcedente, sobre ser absurda. Onde os normaes? Sel-o-ão os chamados activos? Serão, porventura, os parceiros dos homossexuais? Ele serão normaes, realmente?

O livro de André Raffalovich continua a ser o nosso breviário. Ali está um código da moral que nós devemos seguir. Nem todo homossexual vive pelas ruas, á noite, a procura de aventuras. Há-os de outra casta. E dignos de respeito, em sua desgraça. E intelectualmente superiores a tantissimos pseudo-normaes. O “*anima mulieribus in corpore viril inclusa*” é falso. Ninguém mais o admite. Os aormaes (*risun teneatis*).... [...]

Estive na Alemanha, em 1926 e, em Leipzig, conheci diversos homossexuais insígnies. Um deles, cirurgião notável, autor de varias obras sobre a sua especialidade. Tinha então 32 anos e vivia com um jovem violinista, de 30 anos aproximadamente. Toda a cidade conhecia-os. E, sem embargo, foram sempre respeitadas. Mas isso era na Alemanha. Mais uma vez, piedade para eles! Piedade para mim!” (RIBEIRO, pg. 97, carta recebida pelo médico Estácio de Lima, da Faculdade de Medicina da Bahia, após uma conferência sobre o assunto)

144

Neste excerto – um fragmento de uma carta recebida por Leonídio Ribeiro – o médico Estácio de Lima discorre sobre indivíduos homossexuais masculinos, conhecidos por ele, que não correspondem ao estereótipo trazido por Ribeiro na maior parte de seu trabalho. A prática do “*immissio pênis in anum*”, expressão em latim que corresponde a “introdução do pênis no ânus”, em português, é definida como “*imunda*” e “*aviltante*”; logo em seguida, Estácio de Lima afirma que os indivíduos homossexuais que não praticam sexo passivo “*amam o macho com dignidade*”. Ao mesmo tempo, indaga quem seriam os “normaes” (sic), além de descrever os “de casta” e “dignos de respeito, em sua desgraça” como “intelectualmente superiores a tantissimos pseudo-normaes”(RIBEIRO, 1938, pg.97).

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA (03)

“A pretensão dos homossexuais e de outros perversos, de se julgarem seres excepcionaes, desaparece deante do fato de que não há um so neurótico que não apresente tendências homossexuais. E ainda mais, muitos dos sintomas neuróticos apenas traduzem a inversão em estado latente. A própria paranoia, segundo esta teoria, não passa de uma tentativa de repressão de impulsos homossexuais muito violentos.” (p. 129, parecer do psiquiatra Murillo de Campos sobre o quadro de Febrônio)

Aqui, as palavras “*homossexuais*” e “*perversos*” são intimamente ligadas a “*neurótico*”:

“... deante do **fato**...”; “... não há um so neurótico que não apresente tendências homossexuais.” (RIBEIRO, 1938, p.129)

Afirmando ser um fato e que não há neurótico que não apresente tendências sexuais, o médico-autor deixa clara sua posição de que a homossexualidade está intrínseca à neurose, inclusive citando o quadro do assassino em série brasileiro Febrônio Índio do Brasil.

145

Considerações finais

Essa pesquisa, iniciada e desenvolvida no ano de 2019, abre portas para um estudo mais aprofundado sobre as definições de “normal” e “anormal”, “sujeito” e “outro”, a fim de entender como historicamente estes enunciados da ciência de outrora – que, hoje, não têm validade – ainda se repetem nos dias atuais em outros discursos (discursos racistas, homofóbicos, xenofóbicos e excludentes em relação aos grupos definidos como “minorias sociais”).

Embora não tenha sido objetivo inicial de nossa pesquisa, dado o seu caráter histórico que incidia apenas ao interior da obra analisada, entendemos que os enunciados de teor homofóbico, segundo as concepções mais atuais de violência contra homossexuais e os sujeitos de identidade LGBTQ+, têm como base histórica marcada no inconsciente coletivo e individual dos sujeitos a questão dos discursos constituídos historicamente. Isso nos leva a uma nova questão: quais são as condições sócio-históricas que permitem que enunciados e discursos já rechaçados pela ciência e pelos médicos a propósito da sexualidade humana se mantenham monumentalizados na língua, nos discursos de indivíduos hoje imbuídos de um

dado poder ou daqueles que insistem na violência contra aqueles de distintos espectros de orientação e identidade de gênero? Eis uma questão complexa que surge a partir da nossa primeira investigação e carece de novos desdobramentos de nossas análises.

Por fim, queremos deixar como reflexão, a fim de provocar novas questões de pesquisa, um trecho da fala do então presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, ainda deputado federal pelo Rio de Janeiro, ao conceder uma entrevista ao programa Participação Popular, TV Câmara, em 18 de novembro de 2011. Ele então afirmou:

“O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele, certo? [...] Já ouvi de alguns aqui [...]. Olha, ainda bem que levei umas palmadas. Meu pai me ensinou a ser homem.” (Jair Bolsonaro em entrevista ao Participação Popular, TV Câmara, 18 de novembro de 2011; hoje atual Presidente da República)

Referências

146

- COURTINE, J. J.; HAROCHE, C. **Histoire du visage** : exprimer et taire ses émotions - du XVI siècle au début du XIX siècle. Paris: Payot-Rivages, 1988.
- ENGEL, Magali Gouveia. **Sexualidades interditadas: loucura e gênero masculino**. Hist. cienc. Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, supl. p. 173-190, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000500009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2019.
- FERLA, LuisAntonio Coelho. **Feios, sujos e malvados sob medida: do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945)**. 2005. 379 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Econômica, USP, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-26052005-184255/pt-br.php>>. Acesso em: 15 jan. 2019
- FIGARI, Carlos Eduardo. **Escritos en el cuerpo Higienismo y construcción médica de la homosexualidad en el Brasil Republicano (1889-1940)**. Antipod. Rev. Antropol. Arqueol., Bogotá, n. 3, p. 23-52, June 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1900-54072006000200004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 jun. 2019.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma Trajetória Filosófica. Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: Aula inaugural no Collège de France**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. São Paulo: Edições Graal, 2009.
- _____. **Os anormais**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010.
- _____. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

- FRY, P. Febrônio. **Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei.** In: Caminhos Cruzados. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora da UNESP, 2000. 541 pp. Portuguese translation of *Beyond Carnival*. Awarded the Cidadania em Respeito à Diversidade [Citizenship Respecting Diversity] Book Award, São Paulo, 2001. _____ "Homosexuality, Eugenics, and Race: Controlling and Curing "Inverts" in Rio de Janeiro in the 1920s and '30," זמנים [Times] School of History, Tel Aviv University, Israel, no. 80 (Fall 2002): 18-30.
- GUTMAN, Guilherme. **Criminologia, Antropologia e Medicina Legal. Um personagem central: Leonídio Ribeiro.** Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, v. 13, n. 3, p. 482-497, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2019.
- MELLO, Luiz; BRITO, Walderes; MAROJA, Daniela. **Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades.** Cad. Pagu, Campinas-SP, n. 39, p. 403-429, Dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2019.
- MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso.** In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, v. 2. São Paulo: Cortez editora, 2012.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos.** Campinas-SP: Editora Pontes, 2009.
- RIBEIRO, Leonídio. **Homossexualismo e Endocrinologia.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.
- _____. **Ciência homossexualismo e endocrinologia.** Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, v. 13, n. 3, p. 498-511, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2019.
- VERGARA, Jorge. **Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade.** Revista Vórtex, [S.l.], v. 3, n. 2, dez. 2015. ISSN 2317-9937. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/889>>. Acesso em: 10 Jun. 2019.
- ZAMBONI, Jésio. **Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.